

DIVERSIDADE DOS SENTIDOS SOBRE O TRABALHO PARA JOVENS EGRESSOS DE CURSOS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Tânia Regina Raitz, Professora do Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Itajaí – e-mail floraitz@yahoo.com.br

Introdução

A revisão da literatura sobre os estudos na área da juventude, trabalho e educação, mostra que ainda são poucos os estudos que apontam para investigações sobre lugar do trabalho dos jovens, trabalho informal, experiência com o desemprego, sentidos sobre o trabalho, construção da identidade a partir destes lugares e a diversidade dos sentidos sobre o trabalho que caracterizam a crise e as mudanças no mundo do trabalho, produzindo novos significados. Neste estudo é importante explicar que foram centrais as abordagens que rompem com uma visão linear, imobilista e determinista dos processos juvenis, ao contrário, as ênfases constitutivas potencializam as várias juventudes, em diferentes cenários, olhando-as em seus traços comuns e diferenciados, num entendimento de que os jovens vivem realidades sociais bastante diversas e constroem identidades também individuais e coletivas distintas (PAIS, 1993, 2001). Em relação ao trabalho, muitos estudiosos, que se debruçaram sobre a realidade mundial nas últimas décadas, são unânimes em constatar as profundas transformações que assolam o mundo do trabalho, culminando no fenômeno do desemprego que atinge milhões de pessoas com índices alarmantes jamais presenciados, especialmente aqueles demonstrados pelo desemprego juvenil.

O desemprego sempre foi uma característica da sociedade capitalista, mas o modo como o assistimos hoje resulta em muito da aplicação da técnica e da ciência em todos os setores econômicos e que, embora não seja relativamente novo toma proporções inusitadas. No senso comum e nos próprios meios de comunicação, observa-se que os termos “emprego e trabalho” são empregados, muitas vezes, de maneira associada, mas essa ligação pressupõe também significados diferentes. Pensando na história da humanidade, o trabalho é mais antigo que o emprego, o trabalho por si só existe desde o momento em que o homem começou a transformar a natureza e o ambiente em seu entorno, desde a fabricação de ferramentas e utensílios.

O emprego já é algo mais recente na história humana, surgindo por volta da Revolução Industrial, que estabeleceu a relação de venda e compra da força de trabalho. Esta descrição que fizemos de forma simplificada vai aparecer na história como algo de extrema complexidade, que se torna mais ainda ao longo dos séculos, até a problemática presenciada na história recente mundial. É importante explicitar que na atualidade, no que se refere propriamente ao trabalho, encontra-se uma multiplicidade ou diversidade de sentidos, tanto na ampla literatura especializada, como na história das sociedades. Não se pretende, portanto, nos limites deste trabalho, reconstruir este arcabouço sobre os diversos sentidos do trabalho e seus períodos históricos, muitos autores já o fizeram, mas pretende-se explorar algumas abordagens que dão suporte para que se possa analisar como se configuram alguns desses significados encontrados na pesquisa empírica.

Anuncia-se neste contexto o fim dos empregos e da sociedade do trabalho, discussão esta que perpassa pela ética do valor do trabalho ou do trabalho como valor. Nesta perspectiva, Pais (2001) argumenta que as próprias representações sobre o trabalho estão atualmente marcadas por instabilidades naquilo que se apresenta como turbulência, flexibilidade e impermanência nas trajetórias juvenis ou de seus percursos laboriais, isto não quer dizer que o trabalho não seja uma esfera importante na vida dos indivíduos, mas ganha novas dimensões. Desta forma, é visível a própria diversidade e a heterogeneidade que caracterizam o mercado de trabalho atualmente no Brasil e, conseqüentemente que, leva a diferentes situações vividas por jovens trabalhadores e jovens trabalhadoras.

Corrochano (2001) estudando os jovens operários e operárias do setor de autopeças de São Bernardo do Campo chegou a conclusões interessantes, diz que mesmo com baixos salários e ocupando cargos que exigem pouca qualificação e esforço físico, a grande maioria dos pesquisados considera o emprego atual como central em suas vidas. A realização pessoal, neste caso, fica em segundo plano. Porém, isto não significa que o trabalho deixa de ter vários sentidos, que vão além do acesso a renda, independência, realização pessoal e dignidade. Já Zuchetti (2002), abordando os jovens em Novo Hamburgo, egressos e alunos de um Centro de Iniciação Profissional, conclui que, para estes jovens, trabalho e sobrevivência estão associados, mas este é apenas um sentido para o trabalho, aparecendo outros diferentes, como o viver que dá trabalho, o sentido relacionado ao gênero, o trabalho como formador de identidade, o trabalho entre as formas de sociabilidade, o trabalho precoce, o medo de não saber fazer, o trabalho e a relação com a escola e a formação para o trabalho.

Três estudos europeus mostram alguns aspectos significativos para reflexão (PAIS, 1993, 2001; BAJOIT, 1997; IARD, 1997). Pais (1993), pesquisando jovens operários e jovens das classes média e alta, é um dos autores que mais chama atenção para a necessidade de olhar as atitudes e a diversidade juvenil, se contrapõe a duas idéias de estudos que analisam o trabalho, emprego e desemprego juvenil. Uma delas é sobre a inadequação da escola em relação ao mercado de trabalho (a velha dicotomia do ajuste da escola ao mercado de trabalho) e a outra, a alergia ao mercado de trabalho, revelando um processo contraditório na atitude dos jovens, que aparece em dois pólos: ora livres para as escolhas profissionais ora como vítimas do desemprego e das conjunturas econômicas. Seu estudo com os jovens portugueses, “Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro”, publicado em 2001, que é interessantíssimo, vem reafirmar sua tese de que, embora o trabalho continue mantendo o significado de obrigação, de esforço e até de sofrimento, o certo é que alguns diagnósticos recentes mostram uma outra realidade, a atitude dos jovens em relação ao emprego e trabalho, aparecem de forma ambivalente ou ambíguas.

Bajoit e Franssen (1997) examinam as representações, as atitudes e as expectativas dos jovens belgas, em relação ao trabalho, emprego e desemprego, através da crise e das mudanças em curso das referências culturais. A análise se encaminha para as interrogações das formas de desagregação do modelo tradicional da sociedade industrial, fundamentado pela centralidade da ética do trabalho. A pesquisa elucida as várias lógicas que orientam os jovens a partir de suas diferentes vivências, demonstrando que os significados do trabalho e do desemprego aparecem de formas múltiplas.

Chiesi e Martinelli (1997), tomando como ponto de partida os resultados de pesquisas realizadas pelo IARD (1983, 1987) em 1992, analisam a relação do jovem italiano com o trabalho a partir das mudanças atuais da sociedade. A pesquisa na Itália, em

1992, vem confirmar alguns resultados das anteriores e aponta algumas novidades, bem como altera o significado do próprio conceito sobre juventude. As tendências observadas passam pelo prolongamento da idade juvenil, o retardamento da idade juvenil para a idade adulta e mudanças nas percepções em relação ao trabalho. Os autores apontam como a crise atual tem provocado dificuldades na inserção dos jovens no mercado de trabalho, relacionam esta com o nível de escolaridade e com as escolhas profissionais e suas expectativas futuras. O trabalho continua sendo um componente central na vida dos indivíduos, entretanto passa pelo desejo de um trabalho que esteja mais carregado de elementos de liberdade e autonomia.

1. Metodologia

Os sujeitos que participaram desta etapa da pesquisa são oito jovens, com idades entre vinte e vinte e cinco anos, quatro são do sexo masculino e quatro, do sexo feminino, foram escolhidos a partir de uma primeira amostra da pesquisa. Sobre os critérios pode-se dizer que foi muito difícil encontrar uniformidade ou semelhança. A marca mesmo que caracteriza os jovens são alguns traços comuns e a diferenciação, isto pode ser observado principalmente em suas situações de trabalho.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que mostrou as diversas situações vivenciadas pelos jovens pesquisados, tais como trabalho informal, precário, temporário e as experiências com o desemprego nas várias modalidades que o caracterizam. Nas entrevistas por meio de um roteiro elaborado, os depoimentos dos jovens demonstram que muitas questões acabam sendo colocadas como necessidade de traduzir aquilo que configura um campo de significações nem sempre inteligível, respostas diversas obtidas e entrecruzadas tomadas em sua individualidade e subjetividade que reúnem conteúdos para se analisar e interpretar, denotando correspondências, mas também duplos sentidos que se manifestam. O discurso significante não deve ser tomado ingenuamente como uma fonte pura de sentidos, vestíbulo de significações indiscutíveis, mas se constitui em “artimanhas” apanhadas a partir dos pontos de vistas e dos lugares que os informantes ocupam em determinado contexto, numa rede de sentidos social e culturalmente construídos. Assim, a análise de conteúdo foi fundamental para o tratamento dos depoimentos dos jovens entrevistados.

2. Diversidades dos sentidos sobre o trabalho para jovens egressos de cursos de educação profissional

Os sentidos sobre o trabalho foram apreendidos como fios que se conectam e se entrecruzam na totalidade de uma rede, apresentam correspondências, simultaneamente, aparecem significados diversos numa mesma fala, num mesmo sujeito, mostrando como estes ganham dimensões diferentes dependendo da ênfase mais intensa em cada um deles a partir do contexto que os jovens vivenciam. É possível observar que o sentido inicial das falas da maioria dos jovens entrevistados se direciona à renda, ganham em intensidade como possibilidade ou como garantia de adquirir certos bens para sua sobrevivência e para

a família, como algo necessário para a continuidade de suas vidas, independente do gênero e da escolaridade:

Trabalho é sobrevivência, porque o salário, mesmo sendo baixo, faz com que tu não vá até o Ceasa comer repolho jogado fora, tu ganhar o teu dinheiro pelas tuas próprias mãos para poder ter as coisas (Wilson, 20 anos).

Querer trabalhar para sobreviver e não ter, não poder comprar as coisas que tu gosta, é muito ruim. (Rosana, 25 anos)

Eu pretendo trabalhar por causa do dinheiro, hoje está tudo precário, tu não consegues comprar nada se não tiver trabalhando, não consegue sobreviver sem um trabalho, por isso preciso encontrar um. (Aurino, 23 anos)

Faz parte da vida como qualquer outra coisa, é importante pela parte da sobrevivência. (Rafael, 20 anos)

Neste momento é uma questão financeira, no, infelizmente, não entra realização pessoal para mim, só no futuro (Israel, 23 anos)

Está ligado à sobrevivência, mas também à realização pessoal (Alessandra, 24 anos)

Trabalho é sobrevivência, mas não puramente, mas ajuda para comprar as coisas que eu quero, ajudar as pessoas que gosto. (Flávia, 24 anos)

O trabalho como um meio para ganhar a vida introduz assim um primeiro sentido entre os jovens, verificado também em outras pesquisas como a de Corrochano (2001), com jovens trabalhadores no ABC em São Bernardo do Campo e de Souza Martins (1997) com jovens trabalhadores do setor metalúrgico de Osasco. Todavia, nesta investigação, como pode se notar, diferentemente da renda, que nas duas outras investigações está relacionada mais com o emprego formal, aqui fica evidenciado este sentido tanto para os que estão trabalhando como para aqueles em que a renda têm indicativo de falta, privações, ausência. Zuchetti (2002, p. 107), quando, em sua análise sobre o sentido do trabalho entre os jovens do Centro de Iniciação Profissional (CIP) em Novo Hamburgo/RS, significa “o viver que dá trabalho”, explicita estas carências, inclusive a do emprego para aqueles que não o têm, em que o “sem trabalho” indica a dificuldade de sobrevivência ou de remuneração. Na pesquisa, o medo também passa a ser um componente central no contexto do desemprego, existe toda uma preocupação em perder o trabalho conquistado, observações já vistas quando se trata sobre a situação de trabalho atual e a experiência do desemprego entre os jovens em item anterior. Já para os que estão trabalhando, a renda possibilita pensar algo para além da simples sobrevivência:

Quero ver minha casa pronta, poder ter os meus filhos, poder ter uma vida mais estável para poder dar melhores condições para eles, poder ajudar a minha família. (Meirelle, 24 anos)

Entre os casados, a renda obtida pelo trabalho é muito mais utilizada para a própria subsistência e para a de sua família do que para a aquisição de bens pessoais:

Meu salário é para as despesas de casa, água, luz, alimentação, fralda e leite para minha filha, também a gente arruma um pouco a casa. (Wilson, 20 anos)

Bajoit e Franssen (1997) analisando as novas orientações no que diz respeito ao trabalho e às atitudes dos jovens com relação ao desemprego, ultrapassando a questão de acesso à renda, mostram que os sentidos não são atribuídos de forma homogênea, resgatam as múltiplas significações, explicitando que:

Trabalhar – quer dizer, exercer uma atividade produtiva com caráter social assegurando uma independência financeira – permanece, para todos os jovens que entrevistamos, uma expectativa básica, por vezes essencial, sempre importante. Entretanto, por trás da aparente homogeneidade das expectativas – um trabalho de que se gosta num ambiente positivo, que assegure ganho e reconhecimento social – as experiências vividas e as significações atribuídas ao trabalho são múltiplas. As palavras são as mesmas (trabalho-emprego-desemprego), mas as significações são diversas. (BAJOIT E FRANSSSEN, p. 79)

Para além da renda e sobrevivência, outros sentidos em nossa investigação se apresentam, uma vez que a pluralidade marca os jovens entre si, diferenciando-se os espaços que estes ocupam como trabalho formal, informal e a experiência do desemprego. Sabe-se que as assimetrias de gênero têm uma origem contextual/situacional e histórica, constituindo-se em práticas discursivas construídas na subjetividade dos sujeitos em uma relação com o outro e seus semelhantes. Por esse motivo, as diferenças sexuais devem ser compreendidas numa dada sociedade ou em um determinado grupo estando interligadas à produção de identidades de homens e mulheres também no espaço que ocupam na sociedade. Neste sentido, a palavra “independência” relacionada ao trabalho, outro sentido que se evidencia na pesquisa, tem um significado diferente entre as jovens mulheres e os jovens homens. Este sentido é encontrado nas entrevistas de três jovens mulheres, duas casadas e uma solteira e apenas de um jovem homem. Para as casadas, além do trabalho estar ligado à renda, que possibilita ajudar no sustento da família, a independência pode proporcionar uma valorização maior não encontrada no trabalho doméstico, apesar de conjugarem em suas rotinas estes dois.

O trabalho me ajuda a não depender de ninguém, nem do meu marido, trabalhar é aprender novas idéias, me comunico com as pessoas, é um modo de vida que me deixa mais independente. Ficar só em casa é muito chato, passa, lava e pronto, rotina massante (Alessandra, 25 anos)

Trabalhar, para mim, me ajuda a comprar as coisas que quero, ter minha independência, mas também é conhecer outras vidas, outras histórias, aprender é uma necessidade que encontro no trabalho, me sinto valorizada trabalhando, não gosto de fazer tarefas domésticas, gosto de interagir com outras pessoas, vivenciando outras realidades diferentes da tua. (Meirelle, 24 anos)

Da década de 70 até os dias atuais, é notório um aumento da presença feminina no mundo do trabalho, assim também as relações de trabalho ganham novos significados e complexidades a partir desta inserção. Neste sentido, as mulheres, muitas vezes, procuram desconstruir estereótipos sociais e culturais há tempos construídos, para que as conquistas adquiridas por elas sejam base para uma construção de direitos que ainda se constituem em barreiras em sua relação com o trabalho. Face à situação econômica e às transformações no mundo do trabalho, tornou-se necessária à participação da mulher no sustento da família, ou ainda, o trabalho da mulher em benefício de seu próprio sustento, ou em situações em que ocorre o desemprego do marido. A troca do trabalho doméstico por uma profissão remunerada, cujos objetivos maiores se findam numa maior independência de seus companheiros e numa busca por mais autonomia, representa para muitas mulheres um fator de desenvolvimento, de emancipação.

A oportunidade de se comunicar com os colegas de trabalho, com pessoas de diferentes visões de mundo, em princípio, contribui para reduzir a timidez que geralmente acomete a mulher que por muito tempo viveu à sombra do masculino, seja pai ou marido, ao mesmo tempo, proporciona troca de experiências a partir de seu ponto de vista e de sua maneira de enfrentar os problemas cotidianos. Isso ocorre tanto para as mulheres casadas como para as solteiras, estas, uma maior independência em relação aos pais e namorados, ampliando os desejos de obtenção de renda para o consumo próprio, mas sem deixar de se envolver com atividades que se comprometa, como é o caso de Flávia, que é solteira:

Trabalhar me deixa solta, faço o que quero com meu dinheiro sem precisar dar explicações em casa. Gosto de ir jantar com meu namorado e pagar a pizza, dividir, assim me sinto independente. O trabalho significa se relacionar com os outros, ah, eu me comprometo mesmo, além de que é uma atividade essencial, se você fica em casa sem ter o que fazer (claro tem o serviço de casa, mas não é a mesma coisa), é uma atividade física e mental, tu tens outra visão de mundo, de vida, tu precisa te socializar. (Flávia, 24 anos)

O trabalho aparece como independência no depoimento de um jovem associado à renda como meio necessário de conquistar autonomia em relação à família, bem como adquirir dinheiro para consumir como bem desejar:

Eu acho que trabalhar é uma questão de independência, ter teu dinheiro. Eu acho que o significado do trabalho é liberdade de fazer o que quiser, consumir do teu jeito. Eu, que estou desempregado, não quero mais ficar dependendo de minha família que já é pobre, mas tenho esperança que esse novo presidente que está aí possa lançar um projeto de trabalho

para os jovens que seja mais adequado, menos explorador. Essa é minha expectativa. Eu pretendo trabalhar por causa do dinheiro, sem trabalho fica difícil. A realização pessoal fica um pouco de lado. Se tu vai trabalhar num emprego num cargo baixo e depois de alguns meses tu sobes de cargo, é claro que isso vai levantar teu ego e tu vais buscar tua realização pessoal. Diante do que estou passando, qualquer coisa serve para buscar minha independência, minha liberdade financeira, por isso deixo de lado a realização (Aurino, 23 anos).

Com dificuldades de inserção no mercado de trabalho, desempregado, o trabalho no momento ganha uma conotação mais instrumental para Aurino, muitos jovens que estão nesta situação acabam valorizando intensamente o emprego quando o conseguem em função da renda. Depois de muitas andanças, acabam aceitando qualquer emprego, mesmo aquele que não possibilita nenhuma realização pessoal, a preocupação passa a ser a renda no final do mês. A ênfase neste sentido aparece em dois jovens marcados pela baixa escolaridade, jovens mais empobrecidos da pesquisa, uma jovem solteira que está desempregada e um jovem casado que viveu essa situação recentemente. O trabalho aparece para estes dois jovens em duplo sentido, próximo da ética do provedor, quando possibilita adquirir bens necessários à sobrevivência, primeiro sentido abordado no estudo. Porém, também se apresenta para além da possibilidade da mera aquisição de uma remuneração, mas trabalhar significa fonte de dignidade e respeito para não serem chamados de “malandra” e “vagabundo”.

Trabalhando a gente se sente digno, eu batalhei, não vão estar me chamando de vagabundo, não quero ser ladrão [...] pô, antigamente meu pai comprava tal brinquedo e a gente quebrava, hoje valorizo isso, “ah, estragou o ventilador”, mas tenho como arrumar de novo, como quando me roubaram minha bicicleta, isso é um vazio que tu sente [...] o trabalho te valoriza e tu aprende a dar valor às coisas por causa do emprego. É sobrevivência, mas te dignifica. (Wilson, 20 anos)

Eu gosto de trabalhar, gosto de fazer as coisas, por quê? As pessoas daqui viam a gente como “malandra”, depois todo mundo dizia quando eu ia trabalhar, “ah, aquela é trabalhadeira.”. Trabalho é respeito, a pessoa que trabalha todo mundo respeita, se não já te chamam de vagabunda, e posso ajudar em casa também (Rosana, 25 anos)

Portanto, percebe-se que o trabalho como “fonte de dignidade” se apresenta, com dois lados complementares – um positivo ligado à ética do provedor e um negativo ligado à necessidade de se distanciar do “bandido”. O primeiro é a condição humana do “labor”, que, segundo Arendt (1999), corresponde ao ciclo vital da natureza, atividade voltada para a sobrevivência da espécie, movimento cíclico que perpassa geração após geração. É uma atividade que se realiza através de um movimento alternado na obtenção dos meios de subsistência e no próprio consumo destes meios, movimento, que conforme a autora, só termina com a própria vida. Atualmente pode-se dizer que cada vez mais estaria o animal laborans submetido na luta deste sentido. O segundo sentido, que relaciona o

trabalho como necessário para não ser chamado de vagabundo, também aparece fortemente no estudo de Zuchetti (2002, p 113), nas falas dos jovens pesquisados, em que a construção da identidade pelo trabalho parece vir colada a um “sujeito dado a priori, que é acabado”, com um sentido antecipado, ao invés de um sujeito que vivencia sua identidade como um processo aberto, inacabado, em processos de identificações em curso, como nos diz Sawaia (1999), que produz suas experiências a partir de um contexto sócio-histórico cultural para em seu cotidiano modificá-las.

Pais (2001, p 19), diz que, embora na atualidade o trabalho continue a manter um sentido de obrigação, de esforço e até de sofrimento, algumas pesquisas mais recentes demonstram um significado ambivalente entre os jovens “[...] valorizam a realização pessoal e os desfrutes relacionais que possam retirar do trabalho. Em termos ideais, muitos jovens não querem perder a vida tentando ganhá-la”. Neste sentido, ocorre uma rejeição quanto à instrumentalidade do trabalho, mas concomitantemente “valorizam as satisfações intrínsecas que dele possam retirar”. Já refletindo a respeito do significado ou sentido do não trabalho na vida dos jovens, a partir da dimensão do desemprego, considerando suas singularidades e vivências, encontram-se situações carregadas de sofrimento, uma referência constante ao trabalho, justamente por sua falta. Esta experiência estaria implicando num tempo vazio, desfeito, “sem atividade de substituição e com o sentimento de sua própria inutilidade”, conforme retrata Wilson,

Antes de casar, o trabalho, para mim, não acrescentava nada, era apenas o que meu pai tinha que fazer para me sustentar, para dar o que nós queríamos. Meu pai sempre batalhou, hoje vejo a necessidade do trabalho. Acho que o trabalho é a parte que preenche, esse tempo que fiquei desempregado, parado, o cara se acostuma tanto com aquilo a sair de casa todos os dias para trabalhar, lutar, depois, quando o cara volta para casa, fica parado, sem fazer nada, ficava 24 horas na frente da televisão vendo besteiras, depois que comecei a trabalhar verdadeiramente [...] hoje não consigo ficar sem fazer nada, mesmo quando estou em casa, dá um vazio estar desempregado, um tédio, por isso hoje o trabalho preenche 50% da minha vida. (Wilson, 20 anos)

O sentimento de desvalorização pessoal e social analisado também por Bajoit e Frassen (1997), entre os jovens que pesquisaram, foi encontrado em nosso estudo como uma conotação de “vergonha, culpa” que provém desta situação, demonstrando que alguns jovens não se reconhecem na imagem que a sociedade cria deles. A designação de desempregado fica engasgada na garganta afetando sua identidade pessoal e social. É o caso de Aurino, Rosana e Israel.

Fico muito deprimido, revoltado, com raiva mesmo, vejo as outras pessoas da minha família trabalhando, parentes, me sinto um inútil. Os dias se alongam, limpo a casa, cuido da minha irmã pequena, ouço rádio, mas tudo fica meio preto. O tédio é ruim [...] o desânimo é grande, me sinto desvalorizado pelo mundo (Aurino, 23 anos)

É difícil, porque olho e penso, as pessoas devem estar achando que não tenho vontade de fazer nada, que não sei fazer nada, isso é ruim para

minha cabeça que já é fraca, às vezes me sinto envergonhada (Rosana, 25 anos).

Me sinto desvalorizado, às vezes penso que é uma fase, outras vezes me dá um desânimo. O surfe é um momento que nem penso nisso. Sei lá, está muito difícil, os períodos que fico desempregado são diferentes, é ruim. (Israel, 23 anos)

Em suma, nota-se que o trabalho não deixa de ser importante e central na vida destes jovens, entretanto, vem marcado por sentidos diversos justamente por causa da complexidade da própria identidade sempre em constituição, bem como pela própria conjuntura do mundo do trabalho nas sociedades atuais.

Considerações finais

Aprofundando o que significa trabalhar, para estes jovens, descobrem-se outros sentidos que despontam em seus depoimentos que ultrapassam a renda como mera sobrevivência. Em suas percepções, misturam-se sentidos de independência, dignidade e respeito como formadores de identidade, como auto-realização, e um último sentido ligado à experiência do desemprego como ausência de trabalho e como privações, dependendo dos espaços que ocupam. Além da renda para ajudar no sustento da família, a independência, para estas jovens, proporciona valorização em contraposição ao espaço doméstico, estilo de vida diferente, em que conhecer e interagir com outras realidades e novas histórias e possuir uma maior independência de seus companheiros ganha significado como fator de desenvolvimento e emancipação.

A experiência do desemprego de alguns jovens marca este estudo como um aspecto negativo, como flutuações e oscilações no estar empregado e desempregado, indicando sentimentos de desvalorização, tédio, vazio, vergonha, culpa, sentido de inutilidade, impotência. Alguns passam a procurar qualquer emprego, a qualquer custo, com baixos salários, longas horas de trabalho, trabalhos precários e informais numa relação que acaba por gerar atos de submissão, alienação e medo intenso com o desemprego. O trabalho, como expressão das relações humano-sociais, como potencialidades humanas universais, parece não mais ser reconhecido na sociedade. Os jovens vêm estabelecendo com ele um significado ambivalente que oscila entre o desejo e a desconfiança que resulta, muitas vezes, nos diversos sentidos que eles atribuem ao trabalho na sociedade contemporânea. Estas trajetórias consideradas em movimentos cambiantes se moldam, se modificam, muitas vezes, num período curto, outras vezes esse se alongam na condição juvenil, chamadas de movimentos de permanência e metamorfose na construção de suas identidades.

Referências:

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BAJOIT, Guy; FRANSSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED Número Especial, 5 e 6 , 1997.

CHIESI, Antonio; MARTINELLI, Alberto. O trabalho como escolha e oportunidade. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, Número Especial, 5 e 6, 1997.

CORROCHANO, Maria Carla. **Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo dos jovens operários de São Bernardo do Campo**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado), 2001.

MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza. O jovem no mercado de trabalho. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED. Número Especial, 5 e 6, 1997.

PAIS, José Machado. **Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro** Porto: : Ambar, 2001.

_____. **Culturas Juvenis**. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

SAWAIA, Bader B. “O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão”. In: **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999. pg. 97-118.

ZUCHETTI, Dinorá. **Jovens: a educação, o cuidado e o trabalho como éticas de ser e estar no mundo**. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. (Tese de Doutorado) , 2002.